



Produzir leite não é arte; é ciência

Neste artigo, o autor fala do atual perfil de nossa pecuária leiteira, destacando seu real potencial e refletindo sobre o que se costuma considerar como limitações. Sua referência é o que ajudou a implantar como sistema de produção e o que tem visto há cerca de 15 anos.

ARTUR CHINELATO DE CAMARGO

Num drina-PR, trantes da Argentina, quai

tade, discorrendo sobre a bovinocultura de corte, o palestrante apontou várias dificuldades: solos de baixa fertilidade, exauridos pela erosão, sendo utilizados como suporte de pastagens degradadas; rebanhos de baixo potencial de produção; problemas de sanidade animal; preço elevado dos insumos; falta de política agrícola; mão-de-obra despreparada; plantas forrageiras de baixa qualidade e a inclemência do clima tropical. Num cenário onde o Brasil não teria a mínima condição de alterar a relação de forças no Mercosul e dificilmente apresentaria uma pecuária desenvolvida no futuro. Quando iniciei minha apresentação sobre a bovinocultura leiteira, fiz ver que todas as dificuldades apontadas poderiam ser revertidas com o uso de tecnologia correta, que poderia al-

terar decisivamente os índices de produtividade, a eficiência do processo e trazer retornos financeiros crescentes. O fato mencionado na palestra sobre bovinos de corte, de que as pastagens no Brasil estão sob solos de baixa fertilidade, é verdadeiro, sendo comum encontrar-se níveis de saturação por bases ao redor de 30 %, P (fósforo) girando em torno de 10 ppm (extrator resina), K (potássio) por volta de 1,0% da CTC (capacidade de troca de cátions) e matéria orgânica dificilmente superior a 1,5%. Entretanto, este problema pode ser solucionado com a implementação de um programa de recuperação gradativa da fertilidade do solo através da aplicação de corretivos, fertilizantes, adubos orgânicos e adubações verdes. A baixa produção do rebanho nacio-

nal pode ser alterada com a aquisição de animais de maior potencial de produção e com a massificação da técnica da inseminação artificial com touros possuidores de teste de progênie. Os problemas de sanidade do rebanho podem ser solucionados através de um programa sanitário preventivo sério, executado por produtores igualmente sérios. A legislação que classifica o leite em tipos A, B e C, datada de 1952, permitindo que fazendas possuidoras de rebanhos doentes e sem nenhum tipo de controle sanitário comercializem o leite extraído das vacas, deve ser revogada. A classificação do leite para consumo e indústria, remunerando-se de forma distinta os dois produtos, pode ser uma das soluções.

O preço elevado dos insumos em relação aos países vizinhos, pode ser resolvido através de compras em grupo e da reforma tributária, visto que a incidência de impostos sobre os produtos comercializados no País é uma das mais elevadas do mundo. A falta de uma política agrícola é reflexo de uma classe sem peso político. O exemplo que vem sendo dado pelos produtores de leite do Estado de Goiás na defesa de seus interesses é significativo, mostrando que quando um setor da sociedade se organiza e atua de forma coesa, passa a ser ouvido e respeitado. A mão-de-obra pode ser treinada, por exemplo, através do Senar-Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, uma entidade privada mantida com a contribuição de todos os produtores rurais. Além disso, o empregado deverá ser melhor remunerado para que atue como sócio da fazenda e não como oponente.

Ou seja, quase tudo que os produtores de leite da Argentina e Uruguai têm, nós também podemos ter. O que é difícil viabilizar no país é a exploração de forrageiras de clima temperado na região central do Brasil, sem que haja irrigação. Com a irrigação, o custo da tonelada de matéria seca da aveia preta, por exemplo, é de R\$ 120, praticamente o dobro do custo da tonelada de MS da silagem de milho. O último "ponto negativo" abordado na apresentação anterior, foi o clima tropical. Ao chegar neste item de minha apresentação, chamei a atenção dos presentes para o fato de que era justamente neste aspecto – o clima tropical, que residia nossa maior vantagem em relação aos vizinhos do Mercosul. Antes mesmo de concluir a frase, fui interrompido e minha assertiva foi veementemente combatida. Pedi silêncio e comecei a explicá-la.

Somente nós temos o clima tropical no Mercosul. Tudo tem seu lado positivo, que deverá ser aproveitado em sua magnitude; seu lado negativo, deverá ser minimizado o quanto for possível. Com o clima tropical acontece o mesmo. Seu lado po-

sitivo está na elevada produção vegetal, fruto de uma alta taxa fotossintética de plantas como as gramíneas forrageiras tropicais. Seu lado negativo está no estresse térmico provocado nos animais. Foi novamente interrompido por pesquisadores ansiosos por me corrigir, dizendo que, apesar da elevada produção de matéria seca por unidade de área, a forragem produzida pelas gramíneas tropicais era de baixa qualidade. Imediatamente retruquei: de baixa qualidade, não; de qualidade inferior às de clima temperado, sim.

A forrageira de clima temperado chega a apresentar níveis de 22% de proteína bruta (PB) e 70% de nutrientes digestivos totais (NDT), enquanto as de clima tropical, manejadas em sistema rotacionado, atingem níveis de 10 a 12% PB e de 62 a 65% NDT. Esta forrageira não pode ser considerada como de baixa qualidade, mas sim inferior, o que é muito diferente para a produção animal. Entretanto, a produção de matéria seca de uma forrageira de clima temperado (aveia, azevém, trevo branco) não ultrapassa 10 t de MS/ha (valor superestimado), enquanto as gramíneas forrageiras tropicais produzem 20 (braquiárias, cinodons, milho), 30 (cana-de-açúcar), 40 (capins da família do colômbio) e 60 ou mais toneladas de MS/ha (capins da família do elefante). Todas essas produções citadas já foram obtidas em fazendas.

PASTAGENS TÊM OFERECIDO LOTAÇÕES EXPRESSIVAS E PRODUÇÕES BEM ELEVADAS

Considerando um aproveitamento total da forragem produzida e um consumo de 10 kg de MS de alimento volumoso por vaca por dia (1 vaca = 1,2 Unidade Animal), ter-se-ia nos países de clima temperado uma lotação máxima ao redor de 3 vacas/ha. Supondo uma média de produção diária destes animais de 30 kg de leite (valor superestimado), o potencial de produção diária das fazendas da Argentina e Uruguai estaria ao redor de 90 kg de leite/ha (32.850 kg de leite/ha/ano). No caso da região central do Brasil, se consi-



Lotações expressivas ainda não deram números definitivos do potencial das forrageiras

dermos uma quantidade utilizada (produzida menos perdida no pastejo) de 30 t MS/ha, há a possibilidade de se colocar por volta de 8 vacas/ha. Supondo uma média de 20 kg de leite/vaca/dia, a produção diária das fazendas do Brasil estaria ao redor de 160 kg de leite/ha (58.400 kg de leite/ha/ano).

Deve ser salientado que lotações mais expressivas e produções mais elevadas



O culpado das vacas produzirem pouco leite ou leite de baixa



EB Overleaf

SP, a média da lotação no período de crescimento acelerado das plantas forrageiras, no terceiro ano de recuperação da fertilidade dos solos sob pastagens de capim colônia variedade tobiatã, manejado em sistema rotacionado, foi de 11,8 UA/ha (9,8 vacas/ha). Evidentemente, haverá uma queda na lotação na época da seca, devido à estacionalidade de produção das forrageiras.

Porém, com a conscientização dos produtores de que algo deve ser feito neste período para sanar o déficit de alimento volumoso, a lotação poderá ser mantida ou até mesmo ampliada.

Produtores especializados estão conseguindo obter valores de 30 ou mais t de MS/ha oriundos da cana-de-açúcar e 23 a 25 t de MS/ha obtidos em uma só cultura de milho para ensilagem. Alguns já dominam a técnica de ensilagem de gramíneas forrageiras tropicais como os capins elefante, colônia e braquiarião; outros tornaram-se especialistas na confecção de feno. Há ainda a possibilidade de irrigação das pastagens, visando antecipar a entrada dos animais (a partir de meados de agosto, os pastos já seriam irrigados, na região central do Brasil), postergar o final da utilização dos mesmos para fins de abril e, principalmente, reduzir os efeitos negativos de um período seco durante a estação chuvosa (veranico). Em regiões como o Centro-Oeste, a possibilidade de utilização intensiva de pastagens de setembro a abril, com o uso de irrigação das pastagens, além de aumentar a lotação proporciona uma redução significativa no custo de alimentação, pois a suplementação com alimentos volumosos no cocho, que é mais onerosa, dar-se-ia apenas em quatro meses do ano (de maio a agosto).

Neste momento, fui interrompido pelo plenário, que sentenciou: rebanhos com médias diárias de 20 kg de leite ou mais precisam ser confinados com silagem de milho o ano todo. Novamente retifiquei, dizendo que esta informação era incorreta. A média das vacas na Embrapa está entre 22 e 23 kg de leite e no período das

águas, as pastagens de gramíneas tropicais são sua única fonte de alimento volumoso. Na época das secas, fazendas com médias de 20 a 22 kg de leite, oferecendo cana-de-açúcar como volumoso exclusivo, existem próximas à unidade para serem visitadas. É evidente que em ambas as estações, as vacas recebem alimento concentrado para completar suas exigências nutricionais, porém em níveis aceitáveis e não definitivos, de 1 kg de concentrado para cada 2,5 kg (fazendas citadas) a 3,0 kg (todo o rebanho em lactação da Embrapa) de leite.

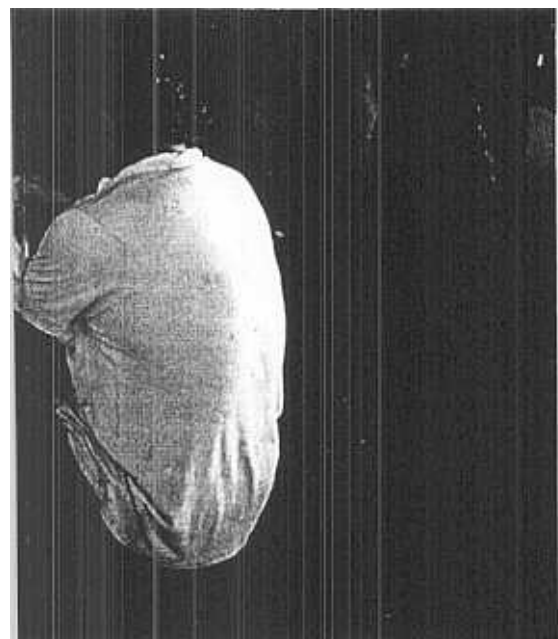
Com o domínio do conhecimento técnico sobre a produção de alimentos volumosos com qualidade e em larga escala, a consequência natural é a redução no fornecimento de alimentos concentrados, tornando nosso leite ainda mais competitivo. O confinamento total de vacas leiteiras é um sistema de produção de leite viável técnica e economicamente, desde que o mercado remunere de forma diferenciada o produto, pois seus custos de implantação e manutenção são elevados, e, portanto, de menor margem de lucro. É aparentemente mais fácil, exigindo que o pecuarista seja um exímio laborista. Não aceita frustrações de safra ou produção de alimentos volumosos de qualidade duvidosa. Exige animais com produção acima de 8.000 kg/lactação de 305 dias.

A discussão estava formada. Reafirmei que esta produtividade de 58.400 kg de leite/ha/ano não é o potencial dos sistemas de produção de leite de regiões de clima tropical e que ninguém sabe qual é. Sugeriram-me que buscasse nas experiências de outros países a resposta à questão acima. Perguntei em que países? A região tropical localiza-se entre o trópico de câncer no hemisfério norte e o trópico de capricórnio no hemisfério sul. Se observarmos no mapa os países que estão na zona tropical, veremos que não há de quem copiar estas experiências de utilização intensiva de pastagens de gramíneas tropicais por animais de elevado potencial de produção. Talvez o Brasil, e mais especificamente Piracicaba-SP, seja o local onde reside a maior parcela deste conhecimento, e posso afirmar que mesmo assim, ainda não sabemos quase nada sobre nossas forrageiras, sua fisiologia do crescimento, suas respostas aos fatores de crescimento, seu manejo mais adequado, dentre outros aspectos.

Os pesquisadores estrangeiros presentes à reunião me perguntaram porque os dados de pesquisa do Brasil que chegam até eles e de outros países de regiões tropicais não mostram este potencial. Em relação aos trabalhos efetuados em outros países de região tropical, nada posso dizer. Porém, em relação aos realizados por aqui, posso afirmar que uma par-

as tropicais.

por animal têm sido obtidas por produtores profissionais com frequência crescente nos últimos anos, em sistemas que utilizam pastagens na época das águas. Portanto, esta produtividade de 160 kg de leite/ha/dia está aquém do potencial de produção de leite no Brasil. Qual é este potencial? Ainda desconhecemos. No CPPSE-Centro de Pesquisa de Pecuária do Sudeste, da EMBRAPA de São Carlos-



EB Overleaf

qualidade é o próprio produtor.

cela significativa foi de trabalhos mal planejados, com erros conceituais grosseiros, enquanto outros, apesar de bem idealizados, foram pessimamente conduzidos. Como exemplos: trabalhos sobre silagem de milho, sendo comum encontrar silagens utilizadas em experimentos com animais com teores de MS abaixo de 30%; o momento de entrada dos animais nos pastos sendo determinado pela altura do mesmo; a busca por espécies de gramíneas forrageiras tolerantes à acidez do solo, quando sabemos que o calcário é o insumo mais barato dentre os que serão usados para se obter elevadas produtividades; a adubação de pastagens apenas no final da estação de crescimento, para prolongar seu estágio vegetativo; os trabalhos envolvendo a cana de açúcar como alimento volumoso suplementar para o período das secas, que transformaram-se num atraso para a pecuária nacional, pois a condenaram a uma sub-utilização apenas para animais de baixa produção (menos de 10 kg de leite/dia) dentre muitos outros exemplos.

TRABALHOS DE PESQUISA SÃO MAL PLANEJADOS OU ENTÃO MAL CONDUZIDOS

No Brasil, a introdução de uma nova gramínea forrageira tropical é tão rápida quanto seu desaparecimento, e este ciclo está sendo cada vez mais acelerado em função da queda na fertilidade no solo. As "pesquisas" com plantas forrageiras tropicais são realizadas sem levar em consideração aspectos relacionados à fisiologia das plantas, nutrição, manejo, relação com os animais, viabilidade operacional e econômica dentro do negócio leite. São desenvolvidas em condições adversas de fertilidade dos solos, com baixo nível de uso de insumos e, não raro, por pesquisadores de capacidade questionável.

O fato citado pelos pesquisadores ar-



As vantagens da exploração a pasto da Argentina podem também ser compensadas por aqui.

gentinos e uruguaios na reunião em Londrina-PR sobre os trabalhos de pesquisa que chegam até eles ficou muito claro com a vinda ao Brasil de pesquisadores de outras partes do mundo para o II Congresso Brasileiro de Gado de Leite, realizado em Piracicaba-SP, em dezembro/95. Nas visitas a fazendas produtoras comuns realizadas após o Congresso, os pesquisadores estrangeiros puderam atestar tudo aquilo que lhes chegava na forma de trabalhos de pesquisa: baixa produtividade da terra, dos rebanhos, da mão-de-obra, leite de baixa qualidade, problemas de sanidade do rebanho etc. Até mesmo os confinamentos de gado de leite, que no país são erroneamente chamados de "sistemas intensivos de produção" – o conceito de intensificação nada tem a ver com o tipo de sistema empregado –, não os entusiasmou a mudarem suas impressões sobre a pecuária leiteira nacional.

Nestes confinamentos, encontraram vacas de baixa produção para este tipo de modalidade de exploração (menos de 8.000 kg/lactação); baixa produtividade da cultura do milho para ensilagem; silagem com baixo teor de grãos e de qua-

lidade sofrível, com teor de MS abaixo de 30%; preocupação excessiva com instalações, com as já existentes inadequadas e mal posicionadas dentro da fazenda; equipamentos superdimensionados e em excesso, além de mão-de-obra despreparada e desqualificada, dentre outros fatores. Juntamente com o prof. Sila Carneiro da Silva, da Esalq-USP, estes mesmos pesquisadores visitaram o CPPSE, em São Carlos-SP, e fazendas que estão seguindo a mesma filosofia de trabalho dos professores Moacyr Corsi e Vidal Pedroso de Faria. Ao se depararem em plena época de calor (dezembro) com um lote de 30 vacas produzindo em média 31 kg de leite, apresentando boa performance reprodutiva (média do período de serviço do rebanho em torno de 95 dias), "score" corporal adequado a animais que vão a pasto, consumindo como volumoso exclusivo, pastagens de gramíneas tropicais, complementando-se a dieta com alimento concentrado formulado à base de milho grão moído (63 % na matéria original), farelo de soja (30 %), sal mineralizado (6 %) e uréia (1%), na proporção de 1 kg de concentrado para cada 2,8 kg de leite produzidos, houve surpresa.

"Mas como, se os trabalhos de pesquisa do Brasil que chegam nas nossas mãos mostram o contrário?", foi o comentário dos estrangeiros. O espanto tornou-se ainda maior quando o prof. Sila cortou algumas hastes do capim-elefante e marcou a hora (10:45 - horário normal) e o local. Os pesquisadores visitantes perguntaram o que estava fazendo, ao que respondeu: "É para demonstrar a velocidade de crescimento desta planta tropical". Um dos pesquisadores visitantes comentou conosco que eles não iriam ficar até o dia seguinte para constatar o fato. "Não é preciso", respondeu o prof. Sila. "Daqui a alguns minutos nós retornaremos a este local e vocês vão verificar

que a forrageira iniciou sua rebota", afirmou. Os visitantes se entrelharam com desdém e, por educação, nada responderam. Passados mais ou menos 20 minutos, o grupo retornou ao local e, para a surpresa dos estrangeiros, a rebota já estava em curso.

Imediatamente o pesquisador da Nova Zelândia argüiu-nos sobre quantos produtores no Brasil estavam usando este tipo de sistema de produção a pasto com vacas de elevado potencial. Responderemos que, por enquanto, um número irrisório de propriedades e mesmo os que estão utilizando este sistema de produção não estão sabendo manejar corretamente suas pastagens, explorando vacas de potencial produtivo baixo (abaixo de 3.000 kg de leite por lactação), com baixa persistência de lactação (6 a 7 meses de lactação), reprodução irregular com períodos de serviço acima de 150 dias e reduzida ou nula margem de lucro. Interessou-nos o porque da pergunta dele. Ele respondeu: "No dia em que a maioria dos produtores de leite do Brasil estiver produzindo leite de maneira semelhante a esta, aproveitando o potencial produtivo destas gramíneas forrageiras tropicais tanto na época das águas (pastagens), quanto na época da seca (cana-de-açúcar, silagens de milho, de sorgo ou de gramíneas forrageiras), utilizando vacas de maior potencial de produção, com maior persistência de lactação, preocupação constante com a reprodução, com a sanidade do rebanho e com a qualidade do



Uma vantagem: o crescimento de nossos capins.

leite, o Brasil poderá tornar-se um dos maiores exportadores de leite, pois, as três condições básicas para isto ele terá: preço competitivo, qualidade de produto e regularidade de produção ao longo do ano".

Voltando à reunião de Londrina-PR, discorreremos até agora apenas sobre o

lado positivo do clima tropical, mas e o lado negativo – o estresse térmico sobre os animais? O calor provoca redução de consumo de alimentos e queda na produção de leite. Em um estudo realizado em 1982, a produção prevista para 305 dias foi 12 % maior no grupo de vacas que tiveram acesso à sombra durante o pré-parto, quando comparado com o grupo sem sombra. Ocorre ainda redução na fertilidade, mortalidade precoce de embriões e diminuição na duração e na intensidade do cio. O estresse térmico é um problema, não um fator que limite a exploração de vacas leiteiras de elevado potencial de produção.

FAZENDA É UMA EMPRESA COMO OUTRA QUALQUER: TEM DE DAR LUCRO

O manejo do rebanho é a principal arma do produtor contra os efeitos prejudiciais do calor. Por manejo entenda-se um conjunto de medidas que visem proporcionar aos animais o máximo conforto dentro de uma rotina diária racional. Os trabalhos de pesquisa com etologia (comportamento) têm mostrado que os bovinos dispendem de cinco a sete horas do dia para se alimentar, de 6 a 8 horas para ruminar e de 10 a 12 horas para ficar no ócio, em qualquer sistema de exploração. Em sistemas de utilização de pastagens rotacionadas, as matrizes leiteiras têm dado preferência ao pastejo a partir das 16 ou 17 horas (horário nor-



O manejo deve proporcionar o máximo de conforto dentro da rotina diária do rebanho.

mal), durante a estação das águas, tornando-se intensa das 19 horas em diante, havendo uma pausa para consumo de água por volta de uma hora após iniciado o pastejo, retomando-se o pastejo até às 22 ou 23 horas.

Com estas informações em mãos, um novo piquete deverá ser aberto aos animais no final do período da tarde. "Durante o dia, as vacas não vão aos piquetes?", foi a pergunta do plenário. Nenhuma vaca é impedida de ir ao pasto durante o dia, mas das 10 às 16 horas (horário normal), a frequência de animais nos piquetes é mínima. Neste horário de calor mais intenso durante o período das águas, as vacas têm além da opção de ir ao piquete em que entraram na tarde/noite anterior, uma área sombreada com bebedouro próximo. Invariavelmente, nesta época e neste período do dia, praticamente todos os animais do rebanho buscam o refúgio das sombras naturais (árvores) ou artificiais.

Outra prática de manejo utilizada é a alteração dos horários das ordenhas. No CPPSE, os horários de início das ordenhas são variáveis ao longo do ano: a primeira ordenha no período de calor é realizada entre as 4 e 6 horas e a segunda entre as 16 e 18 horas (horário normal); na época fria do ano, a primeira ordenha inicia-se às 5 ou 6 horas e a segunda, às 16 ou 17 horas. O importante é não ultrapassar o intervalo entre as ordenhas de 10-14 horas, para não haver redução significativa na produção de leite e, na medida do possível, operacionalmente falando, aproximar-se do intervalo entre ordenhas ideal de 12-12 horas. Outra medida de manejo que premia as vacas de melhor produção (em geral, as vacas no terço inicial de lactação) é a alteração da ordem de entrada dos lotes. Assim, pela manhã, a seqüência de ordenha é lotes A (o que mais produz), B, C e D; à tarde, a seqüência é alterada para D, C, B e A. Os trabalhos a serem feitos com o rebanho, principalmente as vacas em lactação, deverão acontecer até às 10 horas da manhã ou em dias nublados. O somatório dos detalhes é que vão fazer a diferença entre a condição de os animais apresentarem ou não sintomas de "stress" térmico.

Em visita a uma região tradicional na pecuária leiteira paulista, notei em um produtor – e depois vim a saber que era rotina de todas as fazendas da região – que a segunda ordenha era feita às 14 horas, independentemente de se o horário era normal ou de verão. Isto significava que, na época do calor, as vacas eram ordenhadas às 13 horas (horário normal). Como se não bastasse, as vacas Holandesas eram tocadas para o estábulo a cavalo. Imagine a cena: vacas Holandesas com média de produção de 18 a 20 kg de leite/dia, sob um calor de 35°C e umidade

relativa seguramente acima dos 80 %, sendo tocadas a galope por um cavalo e um peão oriundos da lida com gado de corte e com um cachorro latindo em seus pés. Uma completa insanidade! Depois o "produtor" vem reclamar que as vacas não dão leite, que vivem repetindo cio, que são enjoadas para comer a silagem (que geralmente não é de boa qualidade), que o preço do litro de leite está muito baixo...

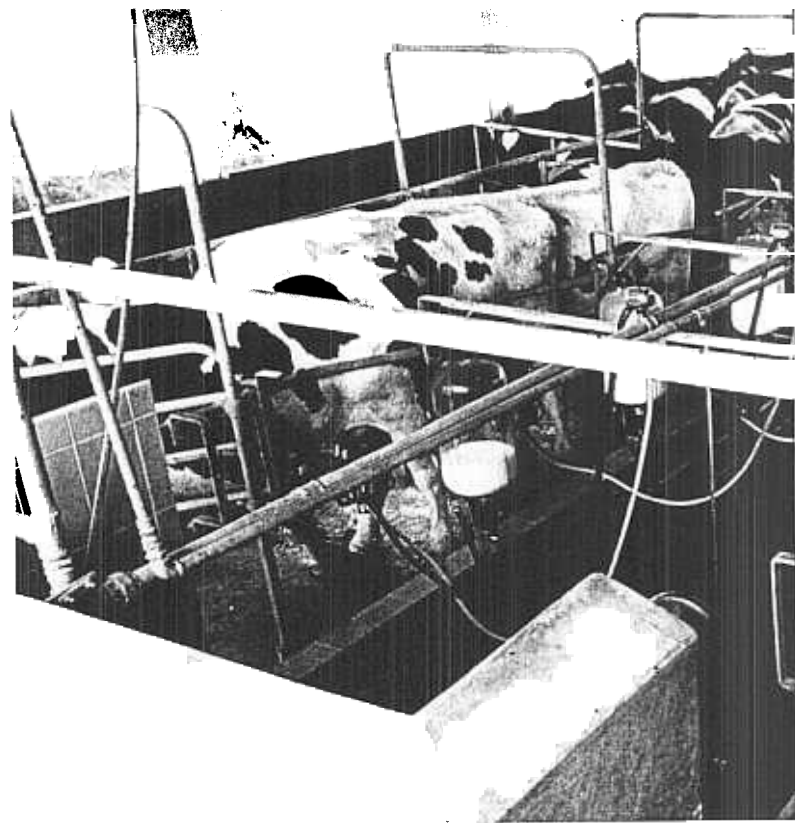
Neste quadro, não há a menor possibilidade de a fazenda obter sucesso, pois um dos três objetivos do produtor de leite para com seus animais, que é o de oferecer conforto, não está sendo atingido (os outros dois são nutrição e sanidade). Perguntei aos produtores em reunião, na noite seguinte: "porque vocês não ordenham suas vacas pelo menos às 16 horas? Não é o ideal, mas é melhor do que às 13 horas. Responderam-me que se eles alterassem o horário da ordenha da tarde, quem é que iria tirar o leite de madrugada, porque naquela região, nenhum peão estaria disposto a isso. Este fato por si só já explica porque os produtores da região de Castro-PR, por exemplo, obtêm sucesso na atividade leiteira. Lá, os donos da propriedade são fazendeiros, vivem de seu negócio, que é produzir leite, e trabalham de sol a sol na lida. Sabem que quem deve mandar na fazenda são as vacas; em segundo lugar, o dono e, em terceiro, os empregados, quando houver.

Em grande parcela das fazendas do Estado de São Paulo, o sujeito é simplesmente o dono da propriedade, possui uma outra atividade na cidade e tem na fazenda uma espécie de clube de campo. Mesmo quando o proprietário mora na fazenda, poucos são os que ordenham suas vacas, cuidam de seus bezerras, plantam suas lavouras etc. Nesta reunião, comentei com os produtores que o fato de eles não quere-rem fazer o trabalho braçal ou comandar a fazenda é uma opção, mas terão de pagar alguém para que faça o serviço por eles. Minha pergunta para os donos de fazenda presentes na

reunião foi: "Quanto vocês pagam para seus retiros?". Em média, me responderam, 2 salários mínimos. Com este salário, o que vocês esperam de seus empregados? Responsabilidade, interesse pelas coisas da fazenda, motivação para o trabalho, disposição para ajudar qualquer um a qualquer momento, cuidados com os animais, higiene na ordenha, manutenção de instalações, de equipamentos, de implementos e tratores...

NA EXPLORAÇÃO LEITEIRA, A TEORIA NÃO É COMPLICADA; DIFÍCIL É SUA EXECUÇÃO

O culpado pelas vacas não produzirem, pela elevada taxa de mortalidade dos bezerras, pelo excessivo gasto com medicamentos, pelo baixo índice de fertilidade com a inseminação artificial, pela baixa qualidade do leite produzido, pela constante quebra de maquinários, pela baixa produtividade dos pastos, pelas sofríveis culturas de milho para ensilagem e por uma infinidade de problemas é o próprio dono da fazenda, que não entende que a mesma é uma empresa como outra qualquer, que deve ser gerenciada de forma eficiente para se obter lucro; com a diferença de que é uma empresa a céu aberto, sob a ameaça de riscos incontornáveis e que, só por este fato, deveria ter à frente profissionais gabaritados. O que aconte-



Para intensificar o sistema de produção, os produtores precisam ver a exploração como

tece é justamente o contrário. O dono da fazenda, que se considera especialista no assunto só por assistir a todos os programas rurais da TV ou ler as revistas do segmento, nada mais é que o herdeiro de uma família que já milita há tempos nesta atividade, contrata pessoas desqualificadas e destreinadas que se submetam a receber esta remuneração aviltante. Ao tentar alterar o horário da ordenha da tarde, os empregados se rebelam e o dono da fazenda torna-se refém de uma situação criada por ele mesmo.

Nesta etapa da reunião, passei a narrar a experiência de um fazendeiro iniciante na atividade leiteira, numa região que também está sendo considerada como promissora bacia leiteira – o sudoeste de Goiás. A propriedade pertence a Daniel Filgueiras e situa-se no município de Mineiros-GO. O fazendeiro oriundo da agricultura (requisito para se tornar um bom produtor de leite) alegou, em visita ao CPPSE, que o leite que produzia era corriqueiramente desclassificado pelo teor de acidez e que ele já tinha feito de tudo para sanar o problema, e que desconfiava do laticínio. Perguntei o número de vacas ordenhadas diariamente, quantos empregados realizavam a operação e quanto era a remuneração de cada um? Ele respondeu que ordenhava 90 vacas com ordenhadeira mecânica tipo balde ao pé,

utilizava três empregados e pagava a cada um, 1,5 salário mínimo.

Comentei que por ele delegar a pessoas despreparadas e mal remuneradas a operação mais delicada de uma fazenda leiteira, o responsável pela baixa qualidade do leite produzido era o próprio fazendeiro. O que fazer, me perguntou o fazendeiro? Sugerir que abrisse um foso na sala de ordenha, dentro do galpão antigo, a fim de melhorar as condições de trabalho do operador, mantendo no entanto, o sistema balde ao pé. As condições deveriam ser feitas de canos comuns comprados em comércio de sucatas. Os três empregados deveriam ser dispensados ou aproveitados em funções cuja possibilidade de erro fosse mínima, como por exemplo, o aceiro de cercas. Para a ordenha, deveria ser contratada apenas uma pessoa, que seria treinada e bem remunerada.

Todos esses passos foram seguidos, e a pessoa contratada foi uma senhora que recebe mensalmente mais de 4 salários mínimos e se incumbem sozinha da operação da ordenha. O desempenho e a qualidade do serviço melhoraram acentuadamente; a higiene nos utensílios passou a ser quase perfeita; os problemas com mastite clínica praticamente desapareceram e o leite, que antes não atingia os padrões mínimos, passou a ser referencial de qualidade. Mas

o que isto tem a ver com o assunto horário de ordenha e manejo do gado para minimizar os efeitos do estresse térmico? Em visita a esta propriedade no mês de novembro/95, logo pela manhã, o fazendeiro me contou que a segunda ordenha era realizada às 15 horas (horário de verão). Comentei os efeitos negativos do calor sobre os animais e, conseqüentemente, sobre a margem de lucro. Ele me perguntou: "A que horas deveria ser a ordenha?" Respondi: "No seu caso, no mínimo a partir das 17 horas (horário normal)". Comentei: "A partir de hoje, iniciaremos a segunda ordenha às 17 horas ou até

mais tarde, de acordo com o mês de verão".

Perguntei: "Você não vai combinar com a responsável pela ordenha para ver se ela aceita, se ela concorda?" Respondeu: "Não, pois, aqui na fazenda, a última palavra é minha, e eu faço o que as vacas precisarem para dar mais leite". E completou: "Existe uma multidão de gente querendo ser ordenhador na minha propriedade, porque aqui na região não há ninguém que pague melhor." Quando se remunera bem o empregado, há a possibilidade de selecionar pessoas de melhor nível, que prezam seu trabalho e participam com interesse do dia a dia da fazenda. Pessoas que sabem que o sucesso da mesma será revertido para todos, no futuro. O trabalho flui num clima de equipe. Se o fazendeiro conseguir formar sua equipe de trabalho, mais da metade do caminho para o sucesso estará trilhado. A teoria não é complicada, difícil é a sua correta execução.

Ao final da reunião de Londrina-PR, uma certeza havia ficado: o Brasil não vai ficar apenas aplaudindo a pecuária argentina e uruguaia. O Brasil tem condição de competir com esses dois países e com qualquer país do mundo. É preciso, no entanto, que percamos o complexo de inferioridade tropical, arraigado em muitos produtores, extensionistas e pesquisadores. Os produtores precisam entender que produzir leite é uma atividade técnica e que, para tanto, devem contar com o apoio de bons técnicos, além de visitar outras propriedades no mesmo município ou não, no mesmo estado ou não, para acelerar o processo de intensificação do seu sistema de produção.

Os extensionistas, por sua vez, precisam reciclar seus conceitos e visitar propriedades cujo processo de profissionalização já esteja em curso. Os pesquisadores, além de reciclar seus conhecimentos e visitar propriedades exemplares, precisam se expor, conhecer a realidade, trabalhar em fazendas particulares que sejam eficientes e lucrativas, e alguns deles até mesmo serem apresentados às vacas. Terminei minha apresentação com duas frases que sintetizam todo este texto: "viagem cura ignorância" (falta de conhecimento), disse em visita ao Brasil o consultor Dr. Moe Bakke, da Califórnia-EUA; e "produzir leite não é arte, é ciência", como diz o prof. Vidal Pedroso de Faria, desde que eu me conheço como técnico.

Artur Chinelato de Camargo, engenheiro agrônomo, é pesquisador do Centro de Pesquisa de Pecuária do Sudeste-Embrapa, de São Carlos-SP. O título deste artigo é de autoria do prof. Vidal Pedroso de Faria (EsaIq-USP).



atividade técnica.